

vés da ordem de palavras. Assim, considerem-se exemplos como (9a) e (9b), que se opõem minimamente pela posição ocupada, respectivamente, pela expressão *os atletas*:

- (9) (a) Os atletas telefonaram do aeroporto.
(b) Telefonaram do aeroporto os atletas.

Enquanto em (9a) *os atletas* é o tópico da frase e é apresentado como transmitindo informação com o estatuto de dado, *do aeroporto*, que faz parte do comentário, transmite a informação com maior grau de novidade: é o **foco informacional** da frase. Por defeito, em português, os constituintes que ocupam a posição mais à direita são interpretados como foco informacional. Assim, na frase (9b), a posição final ocupada pela expressão *os atletas*, leva-nos a interpretá-la como foco informacional. Por esta razão, (9b) mas não (9a) pode constituir uma resposta (redundante) à pergunta *Quem telefonou do aeroporto?* ⁽³⁸⁾.

Anexo-Fontes

[CPA]

AA
1975 *Contos Populares da Ásia Para as Crianças de Todo o Mundo*. Tradução portuguesa, Lisboa, Edições A. Ramos, 1977.

[PF]

AA
1987 *Português Fundamental: Métodos e Documentos. Tomo I*. Lisboa: INIC/CLUL.

[C]

Caeiro, Alberto: *Poema Nono*.
1986 Pessoa, Fernando, O Manuscrito de *O Guardador de Rebanhos* de Alberto Caeiro, Edição de Ivo Castro. Lisboa, Publicações Dom Quixote.

[AC]

Campos, Álvaro de: *Ode Marítima*.
1992 Pessoa, Fernando, *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição de Cleonice Berardineli. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

[CR-CR]

Carrilho Ribeiro, António e Lucie Carrilho Ribeiro,
1989 *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa, Universidade Aberta.

[LC]

Carroll, Lewis,
1865 *Alice no País das Maravilhas*, Trad. portuguesa, Lisboa, Edições Afrodite, 1976.

[MC]

Carvalho, Mário de,
1992 *A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho e Outras Histórias*. 4.ª edição. Lisboa, Caminho.

[AD]

Damásio, António,
1994 *O Erro de Descartes. Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Tradução portuguesa. 5.ª edição, Lisboa, Publicações Europa-América, 1995.

[DL]

Diário de Lisboa, 3-8-1982.

[LDS]

Ducla Soares, Luísa,
1980 *História dos cinco vogais*. Porto, Edições Afrontamento.

[OL]

Lopes, Óscar,
1972 *Gramática Simbólica do Português (Um Esboço)*, 2.ª edição corrigida. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

[SS-MP]

Santos Silva, Augusto e José Madureira Pinto (orgs),
1986 *Metodologia das Ciências Sociais*, 10.ª edição. Porto, Afrontamento, 1999.

[VSM]

Soromenho Marques, Viriato,
1991 *Direitos Humanos e Revolução*, Lisboa, Colibri.

[VS]

Vaz da Silva,
1979 *História de uma gotinha de água*, Porto, Vaz da Silva e Edições Afrontamento.

[MVC]

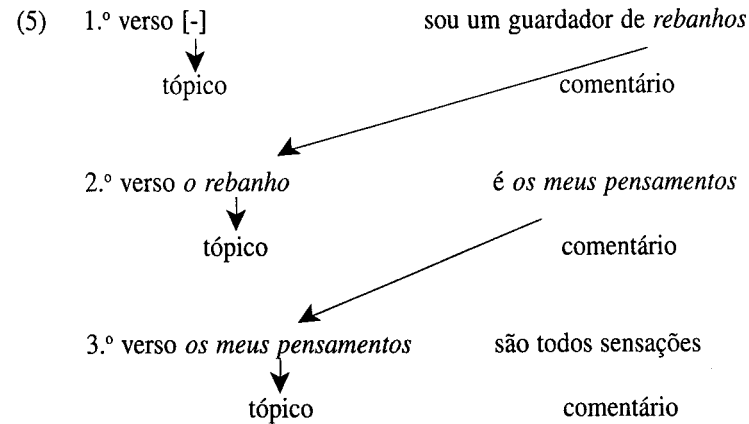
Velho da Costa, Maria,
1976 *Cravo*, Lisboa, Moraes Editores.

⁽³⁸⁾ Sobre a relação entre estrutura temática, estrutura informacional e ordem de palavras, ver 10.3 e 12.6.

Observe-se agora o fragmento textual (4):

- (4) “Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações [...]” [C:124]

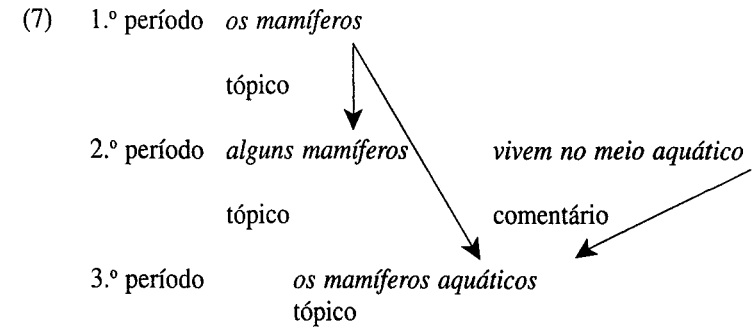
Em exemplos como (4), a progressão temática faz-se através de um processo de mudança de tópico que consiste seleccionar como tópico da frase seguinte um elemento (ou um elemento de um elemento) do comentário da frase anterior, como se pode ver no esquema (5):



O exemplo apresentado em (6) ilustra uma estratégia de progressão temática observada igualmente na passagem do 2.º para o 3.º § do exemplo (3):

- (6) Os mamíferos vivem em geral no meio terrestre. No entanto, alguns mamíferos vivem no meio aquático. Os mamíferos aquáticos têm os membros anteriores preparados para a natação.

Neste exemplo, o tópico do 2.º período é um subconjunto do tópico do 1.º e o tópico do 3.º período é o subconjunto que resulta da intersecção do tópico do 1.º com a propriedade descrita pelo comentário do 2.º período, segundo o esquema apresentado em (7):



Em situações conversacionais em que se pretende mudar de tópico discursivo ou mesmo pôr termo à conversa, podem usar-se estratégias de mudança de tópico, que destroem a coerência da progressão temática, como se pode observar no exemplo (8):

- (8) A: A festa foi ótima, divertidíssima. Estava lá meio mundo. Tive imensa pena que não tivesse querido ir! Como de costume, a Marta esteve divina e o Rui contou histórias engraçadíssimas daquele embaixador que...
B: A minha fome não consegue esperar mais. Minha querida, se se arranjasse e fôssemos almoçar?

B interrompe o discurso de A acerca do tópico *a festa*, e toma a palavra para efectuar uma mudança de tópico que produz um efeito de ruptura, dada a ausência de qualquer relação conceptual entre o tópico introduzido (*a minha fome*) e o discurso anterior.

A dependência co(n)-textual dos tópicos é uma consequência natural do modo como normalmente fornecemos informação: na posição de locutor, seleccionamos para assunto um elemento cognitivo que supomos existente na memória do nosso interlocutor e, a partir dele, construímos proposições acerca desse assunto, contendo elementos cognitivos que consideramos novos e relevantes; paralelamente, quando processamos informação na posição de alocutário/ouvinte/leitor, procuramos, por referência ao conjunto de conhecimentos e suposições de que dispomos, o elemento cognitivo que funciona como centro do espaço cognitivo apresentado por um dado texto. Assim, o tópico corresponde em geral a informação de que já dispõem o locutor e o alocutário (i.e., a **informação dada**) e o comentário contém por regra **informação nova**; por esta razão, observa-se interlinguisticamente uma tendência para o tópico preceder o comentário.

Em português, o estatuto informacional (**dado** ou **novo**) das várias expressões linguísticas presentes numa unidade textual é geralmente assinalado atra-

5.3. Estrutura temática e estrutura informacional

Do ponto de vista cognitivo, um texto pode ser encarado como um processo de activação de elementos pertencentes ao conjunto de conhecimentos e suposições partilhados pelos intervenientes na produção e interpretação desse texto e, simultaneamente, como um processo de introdução e armazenagem de elementos cognitivos novos.

Assim, um texto fala sempre de um ou mais assuntos — o(s) **tópico(s)** — e, em geral, o que diz acerca dele(s) — o **comentário** — acrescenta elementos cognitivos adicionais ao que constituía o nosso conhecimento anterior desse objecto. O modo como um texto selecciona e vai apresentando os tópicos — a sua **estrutura temática** — e o modo como distribui a informação que apresenta — a sua **estrutura informacional** — estão, assim, profundamente ligados.

Às expressões que funcionam como tópico de unidades textuais superiores ao período chamam-se tópicos discursivos; às que funcionam como tópico de uma frase, tópicos frásicos. Tanto os tópicos frásicos como os discursivos podem denotar indivíduos (cf. (1a)), conceitos (cf. (1b)), propriedades ou relações, enquadramentos espaço-temporais ou situações relativos a quaisquer universos de referência (cf. (1c)):

- (1) (a) *O gato da “Alice” desaparecia e deixava ficar o sorriso.*
 (b) *Quanto à solidariedade, eles nem sabem que isso existe!*
 (c) *Gostares dele... É preciso teres mau gosto!*

Em geral, um tópico tem a função cognitiva de seleccionar e activar um elemento existente na memória passiva do alocutário/ouvinte/leitor, transferindo-o para uma memória activa em que possa ser combinado com novos elementos cognitivos introduzidos pelo comentário. Esta função cognitiva dos tópicos determina que, habitualmente, os seus referentes tenham sido apresentados no discurso anterior ou sejam, na situação concreta em que o texto está a ser produzido e interpretado, acessíveis ao locutor e ao alocutário/ouvinte/leitor — ou seja, os tópicos são, em geral, co(n)-textualmente dependentes. Por esta razão, os tópicos frásicos são, de um modo geral, expressões definidas, pronomes ou categorias vazias integradas em cadeias referenciais. Observe-se o fragmento textual presente em (2):

- (2) “Era uma vez três traços, que viviam sozinhos, um para cada lado. Dois grandes e um pequenino.
 Um dia, andavam eles a passear, tristes da sua solidão, quando de repente

se encontraram. Ah!, exclamaram os três em coro. E formaram um A. Os três tracinhos do A ficaram parados a ver quem passava. [...]”. [LDS: 1-2]

Em (2), a expressão *três traços* introduz o tópico discursivo de todo o fragmento, que é retomado pelos termos co-referentes *eles, se, os três, os três tracinhos do A*, e pelos sujeitos nulos de *quando de repente se encontraram* e de *e formaram um A*. A partir do momento em que é introduzido no texto, *três traços* passa a funcionar como o centro em torno do qual se organizam os elementos cognitivos fornecidos pelas sequências seguintes, que especificam e enriquecem o espaço cognitivo centrado no tópico. Assim, por exemplo, *os três tracinhos do A*, uma retomada do tópico discursivo, contém um elemento cognitivo acerca do tópico (*do A*) introduzido no comentário da sequência anterior (*e formaram um A*).

Para que a estrutura temática de um texto seja coerente, é necessário que os elementos cognitivos fornecidos pelo comentário sejam relevantes acerca do tópico. A **relevância** recobre uma grande variedade de relações conceptuais que o comentário deve manter com o tópico ⁽³⁷⁾, e envolve a escolha, de entre os vários comentários possíveis acerca do tópico que satisfaçam a conectividade conceptual, apenas daqueles que, num determinado momento preciso do desenvolvimento do texto, e na situação concreta da sua produção-interpretação, são considerados pelo locutor como contributos para a progressão temática do texto. Assim, num dado ponto do texto, os elementos cognitivos pressupostos pelo conhecimento que já temos do mundo ou por informações apresentadas no discurso anterior e os elementos que podemos inferir a partir do discurso anterior não ocorrem, em regra, na superfície textual.

Outra condição sobre a coerência da estrutura temática de um texto é o modo como se processa a sua **progressão temática**. No fragmento textual (2), o mesmo tópico discursivo é sucessivamente retomado, segundo o esquema:

(3)	§1	<i>três traços (dois grandes e um pequenino)</i>	introdução do tópico
		↓	
	§2	<i>(eles, [-], se, os três, [-])</i>	tópico
		↓	
	§3	<i>(os três traços do A)</i>	tópico

⁽³⁷⁾ De entre elas, destacam-se, no caso dos tópicos marcados (ver adiante é, especialmente, 12.6): (a) semelhança ou identidade entre o tópico e um elemento do comentário; (b) oposição entre o tópico e um elemento do comentário; (c) relações de hiperonímia ou hiponímia entre o tópico e um elemento do comentário; (d) relações de holonímia ou meronímia entre o tópico e um elemento do comentário.

- (1) (a) *Apesar do estardalhaço* que fizemos ao saltar o muro do jardim, o cão continuou a dormir regaladamente. “Fraco cão de guarda”, pensamos nós.
 (b) *Parece impossível!* A senhora Antónia trabalhou em casa deles 30 anos. Um dia adoeceu, e eles *nem se dignaram* chamar o médico.
- (2) (a) *Sonhei* que a minha escova de dentes estava apaixonada.
 (b) *Com a reverberação da luz*, via os banhistas caminharem sobre as águas.

Em (1a), é a conexão concessiva expressa por *apesar de* que funciona como instrução para que situação descrita seja interpretada como não conforme ao esperado; em (1b), o comentário avaliativo *parece impossível* e a expressão *nem se dignaram* assinalam que um dado facto (o comportamento *deles* em relação à sr.^a Antónia) deve ser interpretado como “anormal”. Em (2a), a utilização de um verbo introdutor de mundos alternativos (*sonhei*) constitui uma instrução para a interpretação do conteúdo proposicional da frase encaixada relativamente ao mundo fictivo do sonho; em (2b), o adjunto *com a reverberação da luz*, indica que a situação descrita deve ser interpretada como ilusória.

As unidades textuais formadas por conexões interfrásicas obedecem a condições cognitivas gerais e devem satisfazer aquilo que sabemos serem as relações lógico-semânticas entre situações num mundo “normal”.

Assim, uma condição cognitiva sobre frases coordenadas descrevendo sequências de factos é a de que a ordem linear das sequências seja isomórfica da ordenação temporal relativa dos factos descritos (compare-se (3a) com (3b)):

- (3) (a) Cheguei, vi e venci.
 (b) *Vi, venci e cheguei.

Do mesmo modo, uma condição cognitiva sobre sequências textuais formadas por subordinação é a de que reconheçamos uma relação de causa/razão/condição/consequência entre as situações que tais sequências descrevem. Compare-se a coerência de (4) com a incoerência de (5) num mundo normal:

- (4) (a) Houve seca *porque* não choveu.
 (b) *Se* esta hipótese tem motivação empírica e permite generalizações interessantes merece ser explorada.
 (c) O Gabriel é solteiro, *dado que* nunca foi casado.
- (5) (a) #Houve seca *porque* choveu.
 (b) #*Se* esta hipótese tem motivação empírica e permite generalizações interessantes não merece ser explorada.
 (c) #O Gabriel é solteiro, *dado que* já foi casado.

Quanto a sequências textuais que descrevem estados, a sua ordenação normal obedece, em geral, a certas relações lógicas entre indivíduos e propriedades (e.g., classe-elemento, todo-parte, cf. (6)) e a princípios cognitivos a que estão sujeitas a percepção e a atenção. Assim, por exemplo, a interpretação de um objecto percebido exige que a sequência textual que o descreve apresente a sua localização espacial de um modo conforme à percepção do mesmo (veja-se o contraste entre (7a) e (7b)):

- (6) (a) A praça era enorme. No meio, havia uma coluna; à volta, árvores e canteiros com flores.
 (b) Os linguistas escrevem textos incompreensíveis. Basta ver o último texto de Chomsky!
- (7) (a) Entrei na sala. Em cima da mesa estava um arranjo de flores secas e folhas de Outono.
 (b) #Entrei na sala. Havia um arranjo de flores secas e folhas de Outono. A mesa estava debaixo dele.

Quando é a ordem de percepção ou de conhecimento das situações descritas que determina a ordem linear das sequências textuais, são utilizadas formas linguísticas destinadas a assegurar a coerência — compare-se (7b) com (8):

- (8) Entrei na sala. *Primeiro* vi um arranjo lindo de flores secas e de folhas de Outono. *Só depois* reparei na mesa de noqueira sobre a qual ele se encontrava.

Finalmente, a distribuição de informação característica de um dado texto e a selecção dos tópicos desse mesmo texto — com a consequente selecção de informação que é relevante e que deve ser explicitamente dada, e daquela que pode ser implícita, porque não relevante ou inferível a partir do dito ⁽³⁶⁾ — determinam, muitas vezes, uma ordenação linear das sequências textuais que não é isomórfica da ordenação temporal ou lógica das situações descritas:

- (9) A cerimónia esteve muito concorrida. Presidiu o Presidente da República, que fez o discurso inaugural. Foi preciso esperar meia hora pelo primeiro-ministro, que chegou, como sempre, atrasado e sorridente.

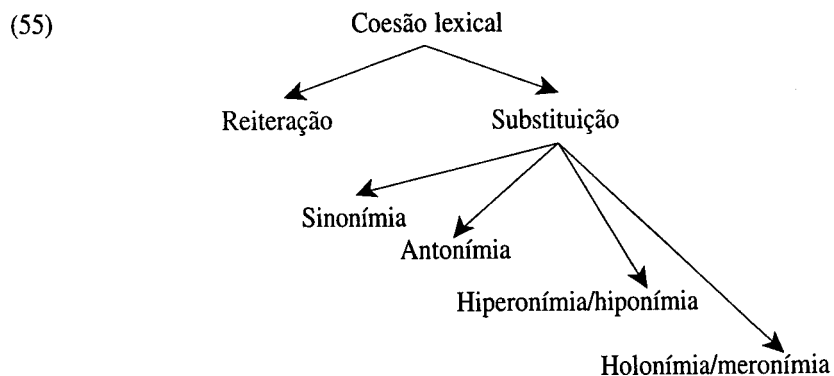
⁽³⁶⁾ Ver 10.3 e 12.6.

Em todos os exemplos considerados até aqui, a cadeia referencial apresenta a ordem linear expressão nominal plena retoma definitizada de tal expressão nominal/pronome/determinante com elipse do núcleo nominal/termo elíptico. No entanto, há cadeias referenciais que apresentam uma ordem linear inversa, i.e., em que um pronome ou um elemento elíptico ocorrem em primeiro lugar e é no discurso subsequente que surge a expressão nominal plena — vejam-se os exemplos (54):

- (54) (a) Em volta *dela*_i, a escuridão era total. Um ruído abafado acompanhava o *seu*_i passo rápido, em direcção à praça iluminada e cheia de gente que *lhe*_i garantiria a segurança. [*A rapariga loura*]_i, abandonou o passo e voltou-se: foi então que viu o homem que a perseguia.
- (b) [*Ele*]_i olhou para o espelho e [-]_i disse para [*si próprio*]_i; — [*João*]_i, tens de acabar com as noites!

5.1.6. Coesão lexical

Este processo de coesão opera por **contiguidade semântica**, i.e., as expressões linguísticas que entram numa relação de coesão lexical caracterizam-se pela co-presença de traços semânticos (total ou parcialmente) idênticos ou opostos. Destaquem-se os seguintes processos de coesão lexical, definidos pelo tipo de contiguidade semântica entre expressões linguísticas:



A **reiteração** consiste na repetição de expressões linguísticas; a contiguidade semântica caracteriza-se, neste caso, pela identidade dos traços semânticos:

- (56) “*Elas* são quatro milhões, o dia nasce, *elas* acendem o lume. *Elas* cor-tam o pão e aquecem o café. *Elas* picam cebolas e descascam batatas. *Elas* migam sêmas e restos de comida azeda.” [MVC: 133]

A **substituição** pode efectuar-se por **sinonímia** — selecção de expressões linguísticas que partilham a generalidade dos traços semânticos — (cf. (57a)); por **antonímia** — selecção de expressões linguísticas com traços semânticos opostos — (cf. (57b)); por **hiperonímia** — a primeira expressão mantém com a segunda uma relação classe-elemento — (cf. (57c)); por **hiponímia** — a primeira expressão mantém com a segunda uma relação elemento-classe — (cf. (57d)); por **holonímia** — a primeira expressão mantém com a segunda uma relação todo-parte — (cf. (57e)); por **meronímia** — a primeira expressão mantém com a segunda uma relação parte-todo — (cf. (57f)):

- (57) (a) *A criança* caiu e desatou a chorar. “*O miúdo* nunca mais aprende a cair!”, disse a empregada.
- (b) Disseste *a verdade*?! Essa história é *uma mentira pegada*.
- (c) Gosto imenso de *peixe*. Então *salmonetes*, adoro.
- (d) *O gato* arranhou-te? Ora, o que é que esperavas de *um felino*?
- (e) *A casa* é linda. *Os quartos* então são um assombro.
- (f) *Um nariz* que fez tremer um império... *Cleópatra* é uma personagem fascinante.

5.2. Conectividade conceptual (ou coerência textual)

A **conectividade conceptual**, também denominada **coerência textual**, é um factor de textualidade que resulta da interacção entre os elementos cognitivos apresentados pelas ocorrências textuais e o nosso conhecimento do mundo. Assim, uma condição cognitiva sobre a coerência de um texto é a suposição da normalidade do(s) mundo(s) criado(s) por esse texto: um texto é coerente se os elementos/esquemas cognitivos activados pelas expressões linguísticas forem conformes àquilo que sabemos ser: (i) a estrutura das situações descritas; (ii) as relações lógicas entre situações; (iii) as propriedades características dos objectos de um mundo «normal».

Quando um texto apresenta uma situação «anormal», fornece instruções específicas para que o alocutário/ouvinte/leitor processe os elementos cognitivos activados pelo texto como relativos a situações «anormais» (cf. (1)) ou interpretáveis exclusivamente em mundos fictivos (cf. (2)):

este tipo de relação referencial é controlado pragmaticamente: o objecto em questão só tem uma identidade incontroversa no espaço cognitivo activado pelo texto — i.e., no espaço cognitivo determinado pelo discurso anterior e pela situação. É o que se passa com a maioria dos nomes próprios de pessoas, com *eu* e *tu* (nomes próprios dos participantes no discurso) e com o uso dos demonstrativos e possessivos ilustrado em (48):

- (48) (a) — Bolas! *Este* é mesmo chato!
(Comentário acerca de um indivíduo com quem o locutor e o alocutário acabaram de estar.)
(b) *O meu* não funciona. Emprestas-me o teu?
(Depois de verificar que o seu isqueiro não funciona, o locutor pede ao alocutário que lhe empreste o isqueiro.)

Quando o locutor considera que o objecto de que pretende dar conhecimento ao alocutário não tem uma identidade incontroversa no espaço cognitivo activado pelo texto, utiliza expressões referenciais indefinidas. É o que acontece tipicamente nas aberturas de narrativa (cf. (49)):

- (49) (a) Era uma vez *um príncipe que tinha orelhas de burro*.
(b) “[...] Há muitos, muitos anos, *um jovem de boas famílias* foi fazer uma viagem [...]” [CPA: 45]

Coesão endofórica (ou co-referência)

Existem em qualquer texto expressões que têm de ser interpretadas como referencialmente dependentes de outras expressões que ocorrem no discurso anterior ou subsequente. Quando um ou mais fragmentos textuais são interpretados como idênticos, do ponto de vista referencial, a outro fragmento textual presente no texto diz-se que são **co-referentes**.

Fragmentos textuais co-referentes constituem uma **cadeia referencial** ⁽³⁴⁾. As cadeias referenciais podem ter como domínio a frase simples, a frase composta, a frases complexa ou unidades textuais superiores ao período ⁽³⁵⁾; neste

⁽³⁴⁾ Sobre o conceito de cadeia anafórica, um caso particular de cadeia referencial, ver capítulo 20.

⁽³⁵⁾ Sobre as condições sintácticas que regulam a referência livre e dependente das expressões nominais no domínio máximo da frase complexa, ver capítulo 20.

capítulo, apenas consideraremos o último caso, assinalando os membros das cadeias referenciais através de itálico e do mesmo índice subscrito (cf. (50)):

- (50) “Era uma vez [*uma gotinha de água que vivia num imenso oceano*]_i... porém não estava só... com *ela*_i, muitos milhões de gotinhas formavam aquilo a que resolvemos chamar “mar” ...É numa bela manhã de sol que a história começa ... Estava *a gotinha de água*_i, a apanhar banhos de sol [...]” [VS: 4-10]

Os membros de uma cadeia referencial podem ter realização lexical, como acontece nos casos assinalados no exemplo (50), ou podem ser foneticamente nulos, como acontece no fragmento de (50) repetido abaixo como (51) (o termo coreferente foneticamente nulo está assinalado como [-], seguido do respectivo índice):

- (51) Era uma vez [*uma gotinha de água que vivia num imenso oceano*]_i ... porém [-]_i não estava só...

Em (51), a categoria vazia em posição de sujeito de *porém não estava só* é interpretada como membro da cadeia referencial cujo 1.º membro é *uma gotinha de água que vivia num imenso oceano*. Assim, tal cadeia referencial contém um elemento **elíptico**.

Uma estratégia para assinalar que o referente de uma dada expressão já foi introduzido antes consiste na repetição definitizada do antecedente, como se verifica no fragmento de (50) repetido abaixo como (52):

- (52) Era uma vez [*uma gotinha de água que vivia num imenso oceano*]_i [...] Estava [*a gotinha de água*]_i, a apanhar banhos de sol [...].

Neste caso, a determinação definida assinala o estatuto anafórico da segunda ocorrência de *gotinha de água*. Esta estratégia pode funcionar igualmente pela selecção de um pronome (cf (53a)) ou de um determinante definido com elipse do núcleo nominal (cf. (53b)):

- (53) (a) Era uma vez [*uma gotinha de água que vivia num imenso oceano*]_i. Estava *ela*_i, a apanhar banhos de sol quando outra gota brincalho na lhe foi fazer cócegas.
(b) Era uma vez [*uma gotinha de água que vivia num imenso oceano*]_i. *Esta*_i era muito preguiçosa e procurava sempre a mesma corrente suave que a transportava entre duas baías calmas.

- (44) (a) *De manhã*, fomos visitar a cidade. *À tarde*, demos um passeio pela baía.
 (b) O João telefonou *ontem* para marcar uma reunião *para a próxima semana*.
 (c) *Em 5 de Outubro de 1910* foi implantada a República.

Expressões de valor temporal e expressões que assinalam a ordenação dos elementos de um conjunto (como, por exemplo, os numerais ordinais) podem ter a função textual de exprimir a ordem segundo a qual o locutor teve a percepção ou o conhecimento de uma dada situação (cf. (45)) ou a ordem segundo a qual são apresentados e desenvolvidos os assuntos sobre que um dado texto fala (cf. (46)):

- (45) (a) *Primeiro* vi o automóvel, *depois* reparei no condutor.
 (b) Ela não contactou connosco. *Mais tarde* soubemos que tinha perdido a nossa morada e o número de telefone.
 (46) “[...] O capítulo *anterior* procurou já sugerir as possibilidades e as finalidades de [...]. Vamos *agora* ocupar-nos da primeira abordagem ao cálculo proposicional [...]. E nos capítulos *seguintes* entraremos na análise intra-oracional [...]” [OL: 13]

5.1.4. Paralelismo estrutural

Um dos processos de assegurar a coesão textual é a presença de traços gramaticais comuns (*e.g.*, tempo, aspecto, diátese), da mesma ordem de palavras ou da mesma estrutura frásica em fragmentos textuais contíguos. Tais fragmentos textuais são, portanto, paralelos estruturalmente. Nos exemplos abaixo, podem observar-se diferentes casos de **paralelismo estrutural**:

- (47) (a) “[...] Os navios que entram a barra,
 Os navios que saem dos portos,
 Os navios que passam ao longe
 (Suponho-me vendo-os numa praia deserta) —” [AC: 50]
 (b) Quem tudo quer tudo perde.
 (c) Tu o quiseste, tu lá sabes.
 (d) Em Lisboa está calor, no Porto está um frio de rachar.

Em (47a), as expressões nominais em posição inicial, retomadas pelo pronome *os* apresentam a mesma estrutura (um SN complexo contendo uma

relativa restritiva); adicionalmente, processos de coesão lexical reforçam o nexo entre os três versos (reiteração do antecedente da relativa, relações semânticas entre o predicado das três relativas). Em (47b), as duas frases são construções transitivas e o sujeito da frase complexa (*quem tudo quer*) apresenta a mesma ordem de palavras da frase complexa (sujeito-objecto-verbo, uma ordem rara na língua portuguesa); a reiteração do objecto (*tudo*) e a oposição entre os verbos (*quer/perde*) reforçam o nexo entre as duas frases. Em (47c), as duas frases apresentam uma ordem de palavras idêntica, com o verbo em posição final e reiteração do sujeito. Em (47d), a construção sintáctica das duas frases é paralela, com um adjunto de lugar em posição inicial, reiteração do verbo e oposição semântica entre a palavra/expressão que ocorre à sua direita.

Como estes exemplos mostram, o paralelismo estrutural é normalmente acompanhado de processos lexicais coesivos (*e.g.*, reiteração, oposição semântica) e usa frequentemente ordens de palavras marcadas.

5.1.5. Coesão referencial

A **coesão referencial** é a propriedade de qualquer texto em que se assinale, através da utilização de formas linguísticas apropriadas, que os indivíduos designados por uma dada expressão são introduzidos pela primeira vez no texto, já foram mencionados no discurso anterior, se situam no espaço físico perceptível pelo locutor ou pelo alocutário/ouvinte/leitor, existem ou não como objectos únicos na memória destes. Nos parágrafos seguintes considerar-se-ão vários processos linguísticos de garantir a coesão referencial.

Coesão exofórica (ou referência)

Existe **referência** ⁽³³⁾ sempre que, numa situação concreta de comunicação, um dado objecto, através de uma dada instrução linguística, é levado ao conhecimento do alocutário/leitor/ouvinte. A forma dessa instrução varia em função do conhecimento que o locutor tem — e pressupõe que o alocutário tenha — do referido objecto.

Assim, se o locutor supõe que o objecto em questão tem uma identidade incontroversa para o alocutário/leitor/ouvinte, a instrução linguística poderá ter a forma de um nome próprio ou de uma descrição definida. Na maioria dos casos,

⁽³³⁾ Sobre referência nominal, ver capítulo 8.

Os subordinadores mais frequentes neste tipo de frases são *enquanto* e *ao passo que*.

As frases **causais** ⁽²⁸⁾ exprimem situações apresentadas como causa da situação descrita na subordinante (relação causa-efeito — cf. (39a)), como razão da situação descrita na subordinante (relação inferencial razão-consequência — cf. (39b)), como motivação para a situação descrita na subordinante (cf. (39c)) ou como premissa de que decorre logicamente a situação descrita na subordinante (relação condicional factual — cf. (39d)):

- (39) (a) A salsa ficou *viçosa porque* a reguei todos os dias.
 (b) *Como* os alunos estavam cheios de trabalho esta semana, adiei o teste.
 (c) *Como* sou amiga dela, ajudei-a o melhor que podia.
 (d) *Visto que* choveu nas alturas certas, a colheita deste ano é excepcional.

Os subordinadores mais utilizados para introduzirem frases causais são *porque*, *como*, *visto (que)*, *dado (que)*, *por*.

As frases **finais** ⁽²⁹⁾ exprimem o objectivo da situação descrita na subordinante (cf. (40)):

- (40) (a) Baixa o som *para* não acordares a vizinhança.
 (b) Foi enviado um relatório aos membros da equipa, *a fim de que* todos ficassem ao corrente da situação financeira do instituto.

Os subordinadores usados mais frequentemente neste tipo de frases são *para (que)* e *a fim de (que)*.

As subordinadas **consecutivas** ⁽³⁰⁾ descrevem uma situação que é apresentada como resultado da situação descrita na subordinante (cf. (41a)); em muitos casos ocorre ou é recuperável uma expressão de grau na subordinante, correlativa do subordinador *que* (cf. (41b, c)):

- (41) (a) A festa estava desinteressante, *de modo que* foram todos para casa.
 (b) O miúdo portou-se *tão* mal *que* os pais tiveram de o levar para casa.
 (c) Os miúdos comeram *tanto* chocolate *que* ficaram maldispostos.

⁽²⁸⁾ Sobre a sintaxe das subordinadas causais, ver capítulo 17.

⁽²⁹⁾ Sobre a sintaxe das subordinadas finais, ver capítulo 17.

⁽³⁰⁾ Sobre a sintaxe das subordinadas consecutivas, ver capítulo 18.

Os subordinadores mais frequentes que introduzem este tipo de frases são *que* (correlativo de *tão*, *tanto*), *de maneiralmodo que*.

Nas frases **comparativas** ⁽³¹⁾, a relação entre subordinante e subordinada é uma relação de (grau de) semelhança entre as situações descritas, exprimindo em geral a subordinada o segundo termo da relação (cf. (42)):

- (42) (a) Tudo se passou *como* eu tinha imaginado.
 (b) Ele diverte-nos *mais do que* o melhor filme cómico (nos diverte).
 (c) A Maria gosta de receber, *tal como* a mãe (gostava).

Os subordinadores usados com mais frequência neste tipo de frases são *que*, correlativo de *mais/menos*, *maior/menor*, *melhor/pior*, *como* (por vezes correlativo de *tão/tanto*), *tal/assim como*.

5.1.3. Coesão temporal

Qualquer sequência textual só é coesa e coerente se a sequencialização dos enunciados satisfizer as condições conceptuais sobre localização temporal e ordenação relativa que sabemos serem características das situações no mundo relativamente ao qual deve ser interpretada a referida sequência textual.

Conexões de sequência temporal entre períodos simples, compostos ou complexos, já referidas na secção anterior, são um dos processos de assegurar a **coesão temporal**.

Outro dos processos de assegurar a coesão temporal é a utilização (correlativa) de certos tempos verbais ⁽³²⁾ (cf. (43)):

- (43) (a) *Conhecíamos* relativamente bem a Galiza, *ficámos a conhecer* as Astúrias.
 (b) Quando *chegámos* a Goa, a época das monções *tinha terminado*.

Também expressões adverbiais ou preposicionais de valor temporal e datas, ao localizarem temporalmente as situações descritas, são factores de coesão textual (cf. (44)):

⁽³¹⁾ Sobre a sintaxe das subordinadas comparativas, ver capítulo 18.

⁽³²⁾ Ver capítulo 6.

nante (cf. (31)), os conectores subordinativos usados são, tipicamente, *assim que*, *desde que*, *logo que*, *mal*:

- (31) (a) *Logo que* ele saiu, o telefone começou a tocar.
(b) *Mal eles chegaram ao aeroporto*, o voo foi cancelado.

As frases temporais que descrevem uma situação posterior à da subordinante (cf. (32)) têm como conectores subordinativos mais frequentes *antes que*, *até (que)*, *quando*:

- (32) (a) O João saiu porta fora *antes de* nós chegarmos.
(b) *Quando* o concerto começou, havia dez pessoas na sala.

Quando as frases temporais descrevem situações que se sobrepõem no tempo, total ou parcialmente, às situações descritas na subordinante (cf. (33)), os conectores subordinativos mais usados são *enquanto*, *quando*:

- (33) (a) A Joana ouviu música *enquanto* estudava.
(b) *Quando* o João esteve doente, a Maria tratou dele.

Por sua vez, os subordinadores *cada vez que*, *sempre que*, *todas as vezes que* põem em destaque a co-ocorrência habitual das situações descritas pela subordinada adverbial e pela respectiva subordinante, independentemente da relação de anterioridade, posterioridade ou sobreposição temporal que se estabeleça entre elas (cf. (34)):

- (34) (a) *Sempre que* o João telefona, a Maria sai com ele à noite.
(b) *Sempre que* o João telefona, a Maria já saiu.
(c) *Sempre que* o João telefona, a Maria está a dormir.

As frases **condicionais** ⁽²⁵⁾ descrevem uma situação da verificação da qual depende a verdade da situação expressa pela subordinante, como se pode observar em (35):

- (35) (a) *Se* ele telefonar, diz-lhe que nos encontramos às cinco no CCB.
(b) *Se* a Maria fosse simpática, não tinha insultado os teus amigos.

⁽²⁵⁾ Ver capítulo 9. Sobre a sintaxe das frases condicionais, ver capítulo 17.

Em (35a), a verificação da condição descrita pela oração subordinada é deixada em aberto, pelo que o valor de verdade da proposição expressa pela subordinante é igualmente deixado em suspenso; pelo contrário, em (35b), a condição descrita pela oração condicional não se verifica, pelo que a proposição expressa pela subordinante é falsa.

As frases condicionais podem ser usadas **retoricamente**, caso em que o locutor as utiliza para dar mais força à asserção que faz. Nestes casos, a situação descrita na subordinante é absurda, pelo que se infere que a situação descrita na condicional é falsa (cf. (36a)), ou a subordinante exprime um optativo indesejável, que se cumprirá se a situação descrita na condicional for verdadeira (cf. (36b)):

- (36) (a) *Se* essa hipótese está correcta, eu sou a rainha de Inglaterra.
(Asserção: tenho a certeza absoluta de que essa hipótese não está correcta)
(b) Eu seja ceguinha *se* este artigo não é um plágio!
(Asserção: este artigo é indubitavelmente um plágio)

Os subordinadores mais frequentemente utilizados nas frases condicionais são *se*, *salvo (se)*, *sem (que)*, *a menos que*, *a não ser que*.

As frases **concessivas** ⁽²⁶⁾ descrevem uma situação face à qual a situação descrita pela subordinante é inesperada ou não conforme às expectativas (cf. (37)):

- (37) (a) *Embora* continue adoentada, a Maria tem ido dar aulas.
(b) *Apesar de* ter direito a um bilhete grátis, o João pagou a entrada.

Os subordinadores mais utilizados para introduzirem frases concessivas são *ainda que*, *se bem que*, *embora*, *apesar de*.

As frases subordinadas **contrastivas** ⁽²⁷⁾ exprimem valores semelhantes ao das justapostas ou coordenadas contrastivas antitéticas (cf. (38)):

- (38) (a) O João fez a tese em Genética, *enquanto* a Maria se doutorou em Astrofísica.
(b) Ela não se preocupa com nada, *ao passo que* o marido vive permanentemente angustiado.

⁽²⁶⁾ Sobre a sintaxe das frases concessivas, ver capítulo 17.

⁽²⁷⁾ Sobre a sintaxe deste tipo de subordinadas, ver capítulo 17.

- (c) “[...] Os procedimentos e categorias classificatórias de observação directa de certas dimensões particulares da realidade social, como os que acabámos de referir, podem ser utilizados isoladamente e podem ser, igualmente, importantes instrumentos técnicos auxiliares do método de campo. *Mas* não são, por si só, pesquisa de terreno [...]” [SS-MP: 137]

Sobretudo na conversa informal, os nexos entre pergunta e resposta ou entre uma fala e uma nova tomada de vez podem ser assinalados por expressões que, noutros contextos, assumem valores semânticos ou conectivos específicos e que ocorrem com um papel meramente discursivo ⁽²²⁾ — vejam-se os exemplos (29):

- (29) (a) A: Ora viva!
B: *Então* como vai isso?
(b) “[...] B: quer alguma coisa para a sua mãe?
A: não. quero um beijinho. diga-lhe lá que eu tou boa.
B: *pronto*. vou-me embora [...]” [PF-E 1009: 2241]

Como os exemplos (19) a (29) mostram, as conexões de que resultam unidades textuais superiores ao período podem ser assinaladas por conectores adverbiais e preposicionais especializados na expressão de certos valores conectivos. O quadro apresentado em (30) assinala os valores típicos dos conectores adverbiais e preposicionais mais usados:

- (30) Conectores adverbiais e preposicionais e respectivos valores

Tipo de conexão		Conectores adverbiais e preposicionais
Listagem	Enumerativa	depois; finalmente; seguidamente; em primeiro lugar, em segundo lugar, ...; em seguida; por um lado, ..., por outro lado; por fim
	Aditiva	adicionalmente; ainda; além disso; igualmente; também; de novo; do mesmo modo; pela mesma razão
Síntese		assim; em conclusão; em resumo; em síntese; em suma

⁽²²⁾ Sobre o papel meramente discursivo de *então*, ver Macário Lopes (1997a).

Tipo de conexão		Conectores adverbiais e preposicionais
Explicação-particularização		especificamente; nomeadamente; isto é; ou seja; quer dizer; por exemplo; em particular
Sequência temporal		antes; durante, então; entretanto; depois; em seguida
Inferência		assim; conseqüentemente; daí; então; logo; pois; deste modo; em conseqüência; portanto; por conseqüente; por esta razão; por isso
Contraste	Substitutivo	mais correctamente; mais precisamente; ou melhor; por outras palavras
	Antitético	contrariamente; já; ora; agora; em vez de; pelo contrário; por oposição
	Concessivo	ainda assim; mesmo assim; apesar de; contudo; no entanto

Embora em menor escala, também expressões adjectivais e frases não finitas podem ser utilizadas como conectores. Contam-se, entre as primeiras, *primeiro*, *segundo*, ..., exprimindo listagem enumerativa e, entre as segundas, *a seguir*, *continuando*; *para começar*, *para terminar* (listagem enumerativa); *concluindo*, *recapitulando*, *resumindo*, *sintetizando* (síntese).

Conexões subordinativas entre subordinante e subordinada adverbial

De entre as frases articuladas por hipotaxe, são de destacar os valores da conexão que se estabelece entre as subordinadas adverbiais ⁽²³⁾ e as subordinantes respectivas; na descrição que se segue, consideram-se apenas os conectores que exprimem tal conexão.

As frases adverbiais **temporais** ⁽²⁴⁾ relacionam o intervalo de tempo da situação que descrevem com aquele em que se localiza a situação descrita na subordinante. Quando a situação descrita na adverbial é anterior à da subordi-

⁽²³⁾ Sobre a sintaxe das subordinadas adverbiais, ver capítulo 17.

⁽²⁴⁾ Ver capítulo 6.

relação conectiva entre unidades textuais que se caracteriza pelo facto de a última englobar o significado das primeiras (cf. (25)):

- (25) (a) “[...] Nenhum sector da vida ficaria imune à mudança. A moda e o vestuário [...]. Os *sans culottes* [...]. Também a maneira de fazer a guerra se alterou totalmente. [...] A reforma de 1814 da *Landwehr* prussiana, executada por von Stein, Hardenberg e Boyden, foi uma consequência directa da revolução, e estaria na origem da superioridade militar alemã na Europa nos 120 anos seguintes.
Em sùmula, a revolução foi um verdadeiro laboratório de experiências políticas [...]” [VSM: 9-10]
- (b) “[...]Os exemplos aduzidos mostram como o sistema educativo, nos seus princípios, finalidades e estrutura geral, representa um 'quadro de referência' que orienta o desenvolvimento de planos de estudos e programas e, conseqüentemente, do processo de ensino-aprendizagem nas escolas.
Em síntese, o sistema de educação escolar estrutura-se segundo níveis etários e de desenvolvimento, em ciclos e segmentos de estudo e postula modalidades ou tipos de formação diferentes, de acordo com tais segmentos educacionais.” [LC-LC: 37]

Outro caso de relação conectiva de que resultam unidades textuais superiores ao período é a **explicitação-particularização** ⁽²¹⁾, caracterizada por o segundo membro conectado constituir uma paráfrase ou uma exemplificação do primeiro (cf. (26)):

- (26) (a) “[...] Não se invoca, para explicar os factos sociais, somente a natureza física; invoca-se muitas vezes também a natureza psíquica, moral, política, etc., da humanidade — *quer dizer, invoca-se comportamentos supostamente universais, independentes de espaço e contexto, porque devidos a qualidades absolutamente perenes da nossa espécie ou de fracções dela.* [...]” [SS-MP: 37]
- (b) “[...] Mais: a acção do homem está em permanente tensão com as suas bases e limites biológicos. *Por exemplo*, a sexualidade constitui um imperativo biológico; as formas de comportamento sexual

⁽²¹⁾ Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik (1985) chamam-lhes 'aposição'; Peres (1997a) denomina-a 'conexão reformulativa'.

são, porém, culturalmente determinadas, e podem ir contra as aparentes 'indicações' físicas; [...]” [SS-MP: 33]

Ao tipo de conexão de que resultam unidades textuais superiores ao período, em que a situação descrita num dos membros conectados é inferível a partir da(s) descrita(s) no(s) anteriores, i.e, em que a(s) primeira(s) sejam consideradas como razão ou argumento dos quais decorra a última, chama-se **inferência** (cf. (27)):

- (27) (a) “X: e era assim que eles iam a pé de alco[baça], da nazaré para alcobaça para se entregarem à cadeia, não eram acompanhados por guardas nem nada e então no tempo do rei quando...
A: portanto tinham muito bem a consciência de quando tinham feito alguma mariolice.” [PF-E 1315: 290]
- (b) “[...]Por último, todos — e logo, também, os psicólogos, os economistas, os sociólogos, etc. — estamos integrados em estruturas sociais, pertencemos a certos grupos. *E daí* que, quando se trata de tomar como objecto as próprias relações sociais, seja para o investigador mais forte o risco de, mesmo inconscientemente, conceber como guias ou resultados de pesquisa aquilo que constitui, apenas, a interpretação que, como actor social membro de um dado grupo, com uma dada condição, em dadas circunstâncias de tempo e de lugar, ele tende a assumir.” [SS-MP: 30]

Nas unidades textuais superiores ao período conectadas por **contraste** expressões ou assuntos de um dos membros são, no outro, reformulados ou substituídos (contraste substitutivo, cf. (28a)) ou postos em oposição (contraste antitético, cf. (28b)); pode igualmente acontecer que, à luz do primeiro membro, a situação descrita pelo segundo seja considerada inesperada (contraste concessivo, cf. (28c)):

- (28) (a) “[...] A responsabilidade tradicional dos neo-clássicos era positiva: *ou, melhor dizendo*, para eles esta questão não fazia sentido [...]” [SS-MP: 48]
- (b) “[...] Isto não quer dizer, claro está, que a observação no terreno não deva ser cuidadosamente preparada. *Muito pelo contrário*, o que se exige é que a preparação daqueles que directamente recolhem a informação, para além da aprendizagem de alguns preceitos operatórios simples, inclua uma importante bagagem teórica e metodológica [...]” [SS-MP: 134]

- e sociais se encontram inextricavelmente ligadas à sobrevivência, esse conhecimento inclui também factos e mecanismos relacionados com a regulação do organismo como um todo [...]” [AD: 99]
- (20) (a) “[...] Frederico II não foi, evidentemente, um revolucionário. [...] *No entanto*, a tolerância do rei permitiu que todas as doutrinas e todos os credos se publicitassem em solo prussiano [...]” [VSM: 18]
- (b) “[...] As poucas alternativas à leucotomia incluíam o colete-de-forças e a terapia de choque. Só no fim dos anos 50 é que começaram a aprezer drogas psico trópicas como a Torazina. Devemos *também* recordar que ainda hoje não temos maneira de saber se o efeitos a longo prazo de tais drogas são menos destrutivos para o cérebro do que uma forma selectiva de cirurgia [...]” [AD: 79]
- (21) (a) “[...] Lembram-se da história de Tristão e Isolda? O enredo gira em torno da transformação da relação entre os dois protagonistas [...]” [AD: 136]
- (b) “[...] Podemos dizer que se trata de um controlo do corpo e pelo corpo, ainda que seja sentido e gerido pelo cérebro. Estes mecanismos reguladores asseguram a sobrevivência ao accionarem uma disposição para excitar alguns padrões de alteração do corpo [...]” [AD: 132]

Tal como foi referido anteriormente para as conexões de que resulta uma frase composta, também as conexões de que resultam unidades textuais superiores podem exprimir valores de listagem (cf. (22)), de confirmação (cf. (23)) e de sequência temporal (cf. (24)):

- (22) (a) “[...] *Primeiro*, existe uma região do cérebro humano, constituída pelos córtices pré-frontais ventromedianos, [...] *Segundo*, existe uma região do cérebro humano, o complexo de córtices somatossensoriais no hemisfério direito, [...] *Terceiro*, existem regiões localizadas nos córtices pré-frontais para além do sector ventromeridiano [...]” [AD: 87-88]
- (b) “[...] Em ambos os lados, as partes do lobo frontal responsáveis pelo controlo dos movimentos (as regiões motora e pré-motora) não tinham sido danificadas. [...] *Também*, como seria de esperar, os córtices frontais relacionados com a linguagem (a área de Broca e seus arredores) estavam intactos. A região imediatamente atrás da base do lobo frontal, o prosencéfalo basal, estava *igualmente* intacta [...]” [AD: 58-59]

- (23) (a) “[...] Os estudos de tomografia computadorizada e de ressonância magnética, efectuados em Elliot, revelaram que os lobos frontais direito e esquerdo tinham sido afectados e que a lesão do direito era muito superior à do esquerdo. *De facto*, a superfície externa do lobo frontal esquerdo estava intacta e todos os danos sofridos pelo lado esquerdo se concentravam nos sectores orbital e mediano [...]” [AD: 58]
- (b) “[...] Em qualquer caso — e é isso que importa sublinhar —, se a selecção de técnicas de tratamento de informação se tem de processar na dependência de uma opção quanto a escalas de medida, isso equivale a sublinhar indirectamente, aqui também, o papel de comando da teoria na pesquisa empírica. *Com efeito*, sendo essa selecção determinada pela estrutura do conjunto numérico congruente com o sistema de valores variável, a verdade é que este é, ele próprio, definido em última análise tanto nos seus elementos como nas relações que os estruturam, pela matriz teórica de referência — pela teoria [...]” [SS-MP: 71]
- (24) (a) “[...] Mesmo depois da derrota de Napoleão, a ideia de um exército nacional propaga-se pelo Velho Continente. Os prussianos, através das reformas de von Stein a Boyen, em 1814, adoptam esse modelo, e preparam-se para um longo caminho até à unificação da Alemanha. *Depois* desta, os trabalhadores utilizarão o serviço militar como uma palataforma para a obtenção de mais direitos cívicos [...]” [VSM: 47]
- (b) “[...] A França está em perigo. As tropas da coligação austro-prussiana haviam ocupado Verdun a 2 de Setembro de 1792. Com sobrançeria o duque prussiano de Brunswick olha o seu inimigo. [...] *Entretanto* as tropas francesas de Kellermann e Dumouriez ganham dias preciosos e efectuam a sua junção a 19 de Setembro. No dia seguinte trava-se a grande batalha.” [VSM: 69]

Como o exemplo (22a) mostra, as conexões exprimindo listagem enumerativa podem funcionar como estratégias de organização textual, uma vez que fornecem ao alocutário/ouvinte/leitor informação sobre a divisão do texto em macro-unidades com função idêntica na economia do texto⁽¹⁹⁾. Tem igualmente um papel relevante como estratégia de organização textual a *síntese*⁽²⁰⁾, uma

⁽¹⁹⁾ Peres (1997a) denomina-as neste caso 'ordenantes'.

⁽²⁰⁾ Peres (1997a) denomina-as 'estruturantes'; Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik (1985) chamam-lhes 'sumativas'.

Conexão	Conjunção	Conectores adverbiais e preposicionais
Contraste antitético	<i>mas</i>	contrariamente; pelo contrário; por oposição
Disjunção	<i>ou</i>	alternativamente; em alternativa
Inferência	<i>e</i> (inferencial)	assim; consequentemente; pois; deste modo, em consequência; portanto; por conseguinte; por esta razão; por isso

Conexões paratáticas em que um dos membros frásicos é parentético

Neste tipo de conexões ⁽¹⁷⁾, o segundo membro ocorre no interior ou no fim do primeiro membro, como um parêntesis, não afectando nem a integralidade sintáctica nem a autonomia semântica do membro a que é aposto; na escrita, é em geral colocado entre parêntesis, entre travessões ou é antecedido de travessão ou vírgula.

As **frases intercaladas**, que se apõem a unidades de discurso citado, apresentando obrigatoriamente a ordem verbo-sujeito, pertencem a esta família de conexões (cf. (17)); as frases intercaladas estão assinaladas a itálico:

- (17) (a) “[...] — Muito incómodo para o Arganzaz! — *pensou Alice.* — “Ele é que está cheio de sono e parece que não lhe importa.” A mesa era das grandes, *mas eles estavam os três juntos só a um canto: “Não há espaço! Não há espaço!” — gritaram quando vieram chegar Alice.* — “Há espaço até demais!” — *respondeu Alice toda indignada; [...].*” [LC: 153-154]
- (b) “[...] — Estas coisas só me acontecem a mim! — *lamentava-se o capitão para consigo, esquecido dos muitos milhares de lisboetas que se encontravam no momento confrontados com o fenómeno.* [...]” [MC: 33]

Incluem-se igualmente neste tipo de conexões sequências em que o membro parentético reformula parafrasticamente ou rectifica a frase anterior (cf. (18a, b)), exemplifica a situação descrita na frase anterior (cf. (18c)) ou exprime

⁽¹⁷⁾ A tipologia de conexões aqui proposta apoia-se em Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik (1985) e em Peres (1997a).

comentários avaliativos do locutor acerca da situação descrita na frase anterior (cf. (18d, e)):

- (18) (a) “[...] Se uma determinada entidade no mundo é uma componente de uma situação em que uma outra componente foi uma coisa 'positiva' ou 'negativa', *isto é, activou uma disposição inata*, o cérebro classifica a entidade em relação à qual não estava pré-estabelecido qualquer valor de maneira inata, tal como se também ela fosse positiva ou negativa, quer de facto o seja ou não [...]”. [AD: 133]
- (b) Ele sabia — *ou melhor, pensava que sabia* — como resolver a situação.
- (c) Os mamíferos aquáticos (*como é o caso da baleia*) também respiram por pulmões.
- (d) Ele não foi aceite no concurso — *sabe-se lá porquê.*
- (e) Com a vida que anda a levar, o João (*queira Deus que não me engane!*) vai estampar-se nos exames.

Conexões paratáticas de que resultam unidades textuais superiores ao período

As conexões paratáticas de que resultam unidades superiores ao período articulam períodos simples, compostos ou complexos e parágrafos com outros períodos e parágrafos. Estas conexões ⁽¹⁸⁾ podem ser expressas por conjunções (cf. (19)), combinadas ou não com outras expressões de valor conectivo (cf. (20)), ou podem ser asseguradas exclusivamente por meios prosódicos (cf. (21)):

- (19) (a) “[...] As crenças, os sentimentos e as intenções são o resultado de uma série de factores radicados nos nossos organismos e na cultura em que nos encontramos imersos, mesmo que esses factores possam ser remotos e não nos apercebamos deles. *E existem motivos neurofisiológicos e educativos que fazem que algumas pessoas sejam honestas e generosas [...].*” [AD: 188]
- (b) “[...] O conhecimento geral inclui factos sobre objectos, pessoas e situações do mundo externo. *Mas* como as decisões pessoais

⁽¹⁸⁾ A tipologia de conexões aqui proposta apoia-se em Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik (1985) e em Peres (1997a).

- (12) (a) Cheguei, vi e venci.
 (b) A cortina ergueu-se devagarinho e a criança loura espreitou.
 (c) *Vi, cheguei e venci.

As conexões aproximáveis da conjunção lógica que admitem a conjunção adversativa prototípica *mas* exprimem valores de **contraste**. Neste tipo de conexão, à luz da primeira frase, pode apresentar-se a situação descrita pela outra como inesperada, contrária às expectativas (contraste concessivo, pois nestes casos a frase composta é parafraseável por uma frase complexa em que o primeiro membro ocorre como subordinada concessiva e a coordenada adversativa ocorre como subordinante — cf. (13a)). Podem também pôr-se em oposição as situações descritas por cada um dos membros coordenados (contraste antitético, cf. (13b)):

- (13) (a) A Maria trabalhou imenso na preparação do projecto *mas* não conseguiu o contrato.
 (=Embora a Maria tenha trabalhado imenso na preparação do projecto, não conseguiu o contrato)
 (b) O João é amoroso e o Pedro, *pelo contrário*, é a antipatia em pessoa.

As conexões **disjuntivas** são aproximáveis da disjunção lógica, admitem a conjunção disjuntiva prototípica *ou* e articulam frases exprimindo conteúdos proposicionais alternativos. Por vezes, a conexão disjuntiva é aproximável da disjunção inclusiva do cálculo proposicional ((pvq) é falsa se *p* e *q* forem ambas falsas): no exemplo (14a), a sequência apresentada na pergunta é interpretada pelo alocutário como constituída por alternativas compatíveis, pelo que a sequência é válida se ambas as proposições disjuntas se verificarem. Mas em muitas sequências formadas por conexão disjuntiva, os conteúdos proposicionais das frases disjuntas são apresentados como alternativas que se excluem no par relevante intervalo de tempo-mundo, o que a aproxima da disjunção exclusiva do cálculo proposicional ((pvq) é falsa se *p* e *q* forem ambas falsas ou ambas verdadeiras); vejamos os exemplos (14b, c):

- (14) (a) A: Queres queijo *ou* preferes fruta?
 B: Quero *as duas coisas*.
 (b) Vamos ao teatro *ou* ficamos em casa a jogar xadrez?
 (c) A esta hora, *ou* estou na Faculdade *ou* estou no Centro.

Repare-se que a conjunção correlativa *ou ... ou*, utilizada em (14c), força uma interpretação exclusiva da disjunção, como se pode observar através da comparação de (14a) com (14d):

- (14) (d) A: *Ou* comes queijo *ou* comes fruta.
 B: #*Como as duas coisas*.
 B: *Como queijo*.

As conexões **inferenciais** exprimem um argumento lógico. Pertencem a este tipo conexões coordenativas em que o conteúdo proposicional do segundo membro coordenado é inferível a partir do do primeiro, apresentado como razão ou motivo (inferências consequenciais e conclusivas (cf. (15a, b)), e conexões coordenativas em que o primeiro membro coordenado apresenta a conclusão do argumento, estando reservado ao segundo a expressão de uma premissa ou justificação (cf. (15c)):

- (15) (a) Estava mau tempo e (*por isso*) decidimos ficar em casa.
 (b) O João está constipadíssimo e (*portanto*) não vem à festa..
 (c) Chegámos atrasados, *pois* está um trânsito infernal.

Apresenta-se em (16) um quadro sinóptico das conexões paratáticas de que resultam frases compostas, indicando, para cada conexão, a conjunção prototípica e as expressões adverbiais e preposicionais mais frequentemente usadas:

(16) Tipos e valores da conexão e conectores mais frequentes

Conexão	Conjunção	Conectores adverbiais e preposicionais
Listagem enumerativa	<i>e</i>	finalmente; por fim
Listagem aditiva	<i>e</i>	adicionalmente; ainda; além disso; igualmente; também; de novo; do mesmo modo; pela mesma razão
Confirmação	<i>e</i>	efectivamente; com efeito; de facto
Sequência temporal	<i>e</i>	antes; durante, então; entretanto; depois; em seguida
Contraste concessivo	<i>mas</i>	ainda assim; mesmo assim; contudo; no entanto

é sempre uma **frase complexa** ⁽¹¹⁾ (vejam-se os exemplos (9), em que as frases subordinadas estão em itálico):

- (9) (a) “[...] Elliot executou normalmente os testes de memória *que utilizam interferência*.” [AD: 61]
(b) “[...] Não é possível *formar uma opinião definitiva sobre este tema*.” [AD: 79]
(c) *Se o João telefonar, diz-lhe que não estou.*

Os elementos linguísticos que operam a articulação entre frases são as **conjunções** ⁽¹²⁾ e os elementos prosódicos entoação e pausa demarcadora. São estes elementos, juntamente com expressões (em geral adverbiais e preposicionais) que os podem acompanhar, explicitando um determinado valor conectivo, que assinalam e exprimem a coesão interfrásica.

Na análise da coesão interfrásica a que iremos proceder, consideraremos em primeiro lugar conexões coordenativas de que resultam períodos compostos, em segundo lugar conexões em que um dos membros tem um estatuto parentético ⁽¹³⁾, em terceiro lugar conexões paratáticas de períodos de que resultam unidades textuais superiores (e.g. parágrafos, pares pergunta-resposta) e, finalmente, conexões subordinativas estabelecidas entre subordinante e subordinada adverbial.

Conexões paratáticas de que resulta uma frase composta

Nas frases articuladas por parataxe de que resulta uma frase composta, é possível distinguir os seguintes grandes tipos de conexão ⁽¹⁴⁾: conexões aproximáveis da conjunção lógica, conexões aproximáveis da disjunção lógica, conexões que exprimem um argumento lógico.

⁽¹¹⁾ Sobre a sintaxe da subordinação nominal ou substantiva, ver capítulo 15; sobre a sintaxe da subordinação adjectiva, ver capítulo 16; sobre a sintaxe da subordinação adverbial, ver capítulo 17.

⁽¹²⁾ Sobre os critérios sintácticos que levam à identificação da classe das conjunções, ver capítulo 14, para as conjunções coordenativas, e capítulos 15 e 17 para as conjunções subordinativas.

⁽¹³⁾ Dado o objecto desta secção, não se referem os casos em que o constituinte parentético é de natureza não frásica (e.g. nominal). As conexões deste tipo de que resulta uma frase complexa serão abordadas no capítulo 17.

⁽¹⁴⁾ A tipologia de conexões aqui proposta apoia-se em Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik (1985) e em Peres (1997a). Ver em particular Peres (1997a: 784-785).

As primeiras englobam a família das frases coordenadas assindéticas e sindéticas introduzidas ou parafraseáveis pela conjunção copulativa prototípica *e*, no seu valor mais neutro de operador de listagem e de sequencialização, bem como a das frases compostas por coordenação assindética ou sindética, introduzidas ou parafraseáveis pela conjunção adversativa prototípica *mas*. As segundas abarcam as frases compostas por coordenação assindética ou sindética introduzidas ou parafraseáveis pela conjunção disjuntiva prototípica *ou*. As terceiras incluem frases compostas por coordenação assindética ou sindética introduzidas ou parafraseáveis pela conjunção copulativa *e*, com valor inferencial ⁽¹⁵⁾.

As conexões aproximáveis da conjunção lógica que admitem a conjunção copulativa prototípica *e* exprimem valores de **listagem**, de **confirmação** e de **sequência temporal**. No primeiro caso, as frases conectadas são apresentadas como elementos de uma lista, meramente ordenados (listagem enumerativa: cf. (10a)), associados por nexos mais fortes (listagem aditiva), de entre os quais sobressaem a semelhança de estatuto entre os membros conectados (cf. (10b)) ou o relevo de um membro conectado relativamente aos outros (cf. (10c)). No segundo caso, o segundo membro coordenado apresenta uma confirmação ou um reforço do que é apresentado no primeiro (cf. (11)) ⁽¹⁶⁾. No terceiro caso, toma-se como eixo da articulação entre as frases a relação entre os intervalos de tempo em que se localizam as situações descritas, devendo a ordem linear dos membros conectados reproduzir a ordenação temporal das situações descritas — vejam-se os exemplos (12a, b) e o contraste entre (12a) e (12c):

- (10) (a) A Escola que temos está em crise, o País está em crise, o mundo ocidental está em crise.
(b) É sabido que a mudança assusta *e é igualmente* sabido que o medo tolda a reflexão e a razão.
(c) “[...] apoiar o general Washington implicava para Paris enfraquecer a hegemonia naval da Grã-Bretanha, diminuir-lhe os meios de levar a cabo uma guerra no próprio solo europeu, *e, sobretudo*, vingar a grande derrota de 1763, que apartara da França as colónias canadianas.” [VSM: 22]
- (11) (a) O João garantiu-nos que os ia convencer *e, efectivamente*, conseguiu convencê-los.
(b) Eram esperados muitos milhares de visitantes *e, de facto*, foram vendidas oitenta mil entradas.

⁽¹⁵⁾ Peres (1997a) denomina este *e* 'copulativo-consequencial'.

⁽¹⁶⁾ Peres (1997a) chama a este nexos 'conexão confirmativa', considerando, contudo, que o seu resultado não é uma frase composta.

No exemplo (4a), as unidades conectadas são **períodos simples**, i.e., constituídos por uma única frase simples (“Os doentes com anosognosia assemelham-se, em alguns aspectos, aos doentes com lesões pré-frontais”) e **períodos compostos**, i.e., constituídos por uma combinação de frases formada por subordinação (“Os anosognósicos, por exemplo, são incapazes de efectuar decisões apropriadas sobre assuntos pessoais e sociais, o que acontece também com os doentes pré-frontais.”) e simultaneamente por coordenação e por subordinação (“E os doentes pré-frontais com capacidade de decisão diminuída são, tal como os anosognósicos, habitualmente indiferentes ao seu estado de saúde e parecem possuir uma tolerância invulgar à dor.”). Cada um dos períodos é sintacticamente independente dos que o precedem e o seguem, embora vários tipos de ingredientes assegurem a unidade do produto resultante — um **parágrafo**.

Nos exemplos (4b, c), a unidade resultante da conexão paratáctica é um período composto, formado por **coordenação** ⁽⁵⁾. Enquanto em (4b) a coordenação é assegurada por um conector, a conjunção copulativa *e*, em (4c) ela é assinalada exclusivamente por meios prosódicos (curva entoacional e pausa demarcadora). A tradição gramatical denomina a coordenação ilustrada em (4b) **sindética** e a ilustrada em (4c) **assindética** e chama **frase composta** à unidade resultante da conexão coordenativa.

No exemplo (4c), conecta-se parataticamente a frase “A travessia tem várias finalidades” com a frase parentética “espero que o leitor não venha a considerá-la como uma interrupção”, que introduz, em a parte, um comentário do locutor.

A consideração de frases parentéticas que introduzem comentários e esclarecimentos ou que realizam actos expressivos do locutor como as ilustradas em (4d) e (5), bem como a de interrogativas-tag (cf. (6)) e a de pares pergunta-resposta (cf. (7)), em que a conexão não é substituível por coordenação sindética, mostra que parataxe e coordenação não são termos sinónimos ⁽⁶⁾, sendo antes a coordenação um caso particular de conexão paratáctica:

- (5) (a) A parataxe (*alguns autores identificam-na com a coordenação*) é um tipo de conexão entre frases.
 (b) Disseram-me que o estado de saúde do João se deteriorou incrivelmente — *queira Deus que não seja verdade!*
- (6) (a) Vais connosco ao cinema, *não vais?*
 (b) Já comeste o gelado todo, *não é?*

⁽⁵⁾ Sobre a sintaxe da coordenação, ver capítulo 14.

⁽⁶⁾ Ao contrário do que consideram autores como Bechara (1999: 463). Ver nota 7.

- (7) P: Onde é que queres ficar?

R: Deixa-me no Saldanha, se fazes favor.

Tem sido proposto o termo **justaposição** para designar conexões paratáticas em que o grau de independência sintáctica das unidades conectadas é elevado (como acontece quando se conectam períodos simples e compostos para formar unidades textuais superiores) e em que não surge qualquer conector explícito. Embora alguns autores identifiquem justaposição e coordenação assindética ⁽⁷⁾, se se utilizarem como critérios para a identificação da coordenação assindética o facto de ela ser sempre parafraseável por coordenação sindética (com *e*, *mas* ou *ou*), e de ter como resultado uma frase composta (um período), exemplos como (6'), (7') e (8) ⁽⁸⁾ mostram que é útil manter a distinção entre os dois conceitos:

- (6') (a) *Vais connosco ao cinema *ou não vais?* ⁽⁹⁾
 (b) *Já comeste o gelado todo *ou não é?*
- (7') P: Onde é que queres ficar?
 R: *#E/Mas/Ou* deixa-me no Saldanha, se fazes favor.
- (8) (a) A polícia chegou ao local: tinha havido um massacre.
 (b) *A polícia chegou ao local, tinha havido um massacre.
 (c) *A polícia chegou ao local *e/mas/ou* tinha havido um massacre. ⁽¹⁰⁾

Como o contraste entre (8a) e (8b, c) mostra, o nexos correspondente à interpretação preferencial de (8a), em que o segundo membro justaposto fornece a razão ou a explicação para a situação descrita pelo primeiro membro, não pode ser estabelecido através de coordenação assindética ou sindética.

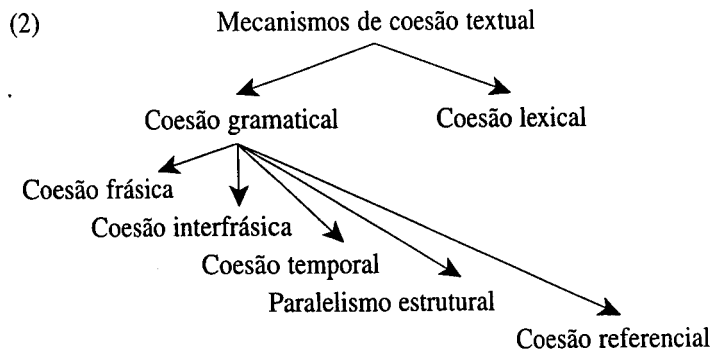
Por seu lado, a conexão hipotáctica estabelece uma hierarquia sintáctica entre os membros combinados, de tal forma que um deles (a frase subordinada) perde a sua autonomia frásica e ocorre como constituinte da unidade resultante, que

⁽⁷⁾ Bechara (1999: 479) identifica parataxe com coordenação, reduz a coordenação à coordenação sindética e identifica justaposição com assindetismo, aproximando por isso as frases justapostas das coordenadas. Posição idêntica à nossa é a defendida por Gili Gaya (1961: 325-326) e Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik (1985).

⁽⁸⁾ Exemplo adaptado de Quirk, Greenbaum, Leech e Svartvik (1985: 931).

⁽⁹⁾ O asterisco em (6'a) indica que a frase não é parafrase de (6). Assim, por exemplo, enquanto (6a) implica a polaridade positiva da resposta, (6'a) não o faz.

⁽¹⁰⁾ Agramatical como parafrase de (8a).



5.1.1. Coesão frásica

Os mecanismos de **coesão frásica** asseguram uma ligação significativa entre os elementos linguísticos que ocorrem a nível sintagmático e oracional, na superfície textual. De entre eles destacam-se:

- (3) (i) Os que asseguram os nexos sequenciais entre núcleos, especificadores e complementos, como a ordem de palavras interna dos sintagmas, e fenómenos de concordância interna ao sintagma nominal, que exprimem, através da presença de marcas idênticas de número e género, a dependência de determinantes, quantificadores e adjectivos relativamente ao núcleo nominal (cf. capítulo 11);
- (ii) Os que asseguram a identificação (ou recuperabilidade) da estrutura de argumentos de um dado predicador, marcando a relação gramatical que cada argumento mantém, na superfície, com o predicador, como por exemplo: a ordem básica de palavras de cada língua natural, o uso de formas casuais dos pronomes pessoais, as preposições que assinalam relações gramaticais (cf. capítulo 10);
- (iii) Fenómenos de concordância que exprimem, através de marcas idênticas de pessoa e número, ou de género e número, o nexo relacional, respectivamente, entre sujeito e verbo, entre sujeito e predicativo do sujeito e entre objecto directo e predicativo do objecto directo (cf. capítulo 12).

5.1.2. Coesão interfrásica

A **coesão interfrásica** (*) é assegurada por processos de sequencialização que exprimem vários tipos de interdependência semântica das frases que ocorrem na superfície textual.

Consoante o tipo de unidades linguísticas conectadas e o tipo de unidade resultante de tal conexão, pode falar-se de dois grandes processos que asseguram a coesão interfrásica: a **parataxe** (etimologicamente, “colocar ao lado de”) e a **hipotaxe** (etimologicamente, “colocar sob”) ou **subordinação**.

As unidades linguísticas associadas por parataxe manifestam diferentes graus de independência sintáctica, uma vez que é possível reconhecer na unidade resultante as duas ou mais unidades constituintes dotadas de integralidade frásica (vejam-se os exemplos (4), em que as conexões relevantes estão indicadas por setas):

- (4) (a) “[...] Os doentes com anosognosia assemelham-se, em alguns aspectos, →
aos doentes com lesões pré-frontais. Os anosagnósicos, por exemplo, são incapazes de efectuar decisões apropriadas sobre assuntos pessoais e →
sociais, o que acontece também com os doentes pré-frontais. E os doentes pré-frontais com capacidade de decisão diminuída são, tal como os anosagnósicos, habitualmente indiferentes ao seu estado de saúde e parecem possuir uma tolerância invulgar à dor. [...]” [AD: 84]
- (b) O João comprou um Barca Velha e a Maria trouxe uma empada de lebre. →
- (c) O João trouxe um Barca Velha, a Maria trouxe uma empada de lebre. →
- (d) “[...] A travessia — espero que o leitor não venha a considerá-la como uma interrupção — tem várias finalidades: [...]” [AD: 101]

(*) Também denominada 'junção' em Beaugrande (1980), 'conjunção' em Halliday e Hasan (1976), 'conexão' em van Dijk (1977).

sões. Assim, quanto mais informal é a situação e mais conhecido o assunto sobre que se fala/escreve, tanto maior é a tolerância dos participantes relativamente à aceitabilidade do mesmo.

Situacionalidade designa os factores que fazem com que um texto seja relevante para uma dada situação, explícita ou recuperável. A situacionalidade de um texto pressupõe os participantes locutor/escritor e alocutário/ouvinte/leitor como sujeitos situados, como lugares ou papéis sociosimbolicamente regulados, bem como todos os factores reguladores da interacção verbal (cf. capítulo 6). Se um texto é relevante para uma dada situação, diz-se que é *apropriado* ou *adequado*.

Intertextualidade designa a relação entre um determinado texto e outros textos relevantes, que fazem parte da experiência anterior do locutor/escritor e do alocutário/ouvinte/leitor. Esta propriedade relaciona, portanto, um texto concreto com a memória textual colectiva, com a memória de um grupo ou de um indivíduo específico. Tal relação é um dos factores estruturantes de cada texto concreto, na medida em que é na memória textual colectiva e de grupo que se funda a definição de *modelos textuais*, e manifesta-se materialmente num dado texto através de citações, remissões, comentários, reformulações ou relatos de fragmentos de textos relevantes.

Informatividade designa o grau de incerteza das ocorrências textuais. O grau de informatividade é tanto maior quanto mais «inesperada» for uma dada ocorrência textual — i.e., quanto mais numerosas forem as alternativas a essa ocorrência textual e, portanto, quanto mais improvável for a ocorrência textual efectivamente seleccionada. Como é natural, um texto com um baixo grau de informatividade tem efeitos negativos sobre a atenção do alocutário/ouvinte/leitor, enquanto um texto com um elevado grau de informatividade potencia, em geral, a concentração dos recursos de processamento do alocutário/ouvinte/leitor na sua interpretação.

Finalmente, **conectividade** é uma propriedade relacional que pode ser definida nos seguintes termos: existe conectividade entre uma ocorrência textual A e uma ocorrência textual B se as interpretações de A e B forem semanticamente interdependentes ⁽²⁾.

⁽²⁾ Ver van Dijk (1977: 45). 'Ocorrência textual' designa uma expressão linguística de qualquer categoria ou dimensão que ocorra na superfície textual.

Consideremos os seguintes exemplos:

- (1) (a) Alinhei com a esperança de vencer, *mas* só se vence quando se corta a linha de chegada. [DL: 10]
- (b) [...] gritou, quase implorando para *o chefe da banda*: — Música, música *mestre Camoesas!* [DL: 3]
- (c) *Se* esse animal respira por pulmões, não é peixe.

Em (1a), a interpretação do enunciado exige o reconhecimento da relação semântica de contraste entre as duas frases coordenadas. Em (1b), a identificação do indivíduo designado por *mestre Camoesas* depende da do indivíduo designado por *o chefe da banda*. Em (1c), a relação de implicação entre a subordinada condicional e a subordinante só pode ser avaliada como válida ou inválida por referência ao conhecimento que cada um de nós tem acerca da classe dos peixes.

Os exemplos (1a) e (1b), por um lado, e (1c), por outro, ilustram dois tipos distintos de conectividade. No primeiro caso, a interdependência semântica das ocorrências textuais resulta de processos linguísticos (universais, tipológicos ou particulares) de sequencialização — i.e., de ordenação linear — dos elementos linguísticos; a este tipo de conectividade chama-se **conectividade sequencial** ou **coesão** ⁽³⁾. No segundo caso, a interdependência semântica das ocorrências textuais resulta dos processos mentais de apropriação do real, e da configuração e conteúdo dos esquemas cognitivos que definem o nosso saber sobre o mundo: este tipo de conectividade tem sido designada **conectividade conceptual** ou **coerência**.

5.1. Coesão textual

Todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual podem ser encarados como instrumentos de coesão. Tais processos podem ser agrupados da seguinte forma:

⁽³⁾ Cf. Halliday e Hasan (1976).

Quando usam a língua, os falantes não produzem palavras ou frases isoladas, desligadas umas das outras e do contexto situacional e discursivo. Pelo contrário, tanto os produtos resultantes do uso primário da língua na situação básica da conversa como os que resultam do uso da língua escrita em situações não pessoais, tanto os produtos de um só locutor como os que resultam da actividade colaborativa de vários falantes são objectos dotados de sentido e de unidade — ou seja, são produtos coesos internamente e coerentes com o mundo relativamente ao qual devem ser interpretados. A tais produtos chama-se **textos**.

É usual utilizar o termo **textualidade** para designar o conjunto de propriedades que uma manifestação da linguagem humana deve possuir para ser reconhecida como um texto. As propriedades de textualidade mais significativas são: a aceitabilidade, a situacionalidade, a intertextualidade, a informatividade e a conectividade ⁽¹⁾.

Aceitabilidade designa a atitude do alocutário/ouvinte/leitor que consiste em considerar que uma dada configuração de elementos linguísticos que lhe cabe interpretar é uma unidade dotada de sentido. Consoante a instituição em que o texto é produzido, circula e é reconhecido, a posição e o poder simbólico dos participantes, a relação entre eles, o assunto do texto e o «tipo» de texto, são tolerados em maior ou menor grau desvios, rupturas, reformulações, impreci-

⁽¹⁾ Ver Beaugrande (1980: 19-20).

Em outras situações, porém, fica claro que o desconhecimento do contexto ou dos princípios que regulam as relações sociais no seu interior pode estar na base da produção de enunciados inadequados ou mesmo gramaticalmente incorrectos que, no entanto, tornam patente um esforço de hiper correcção que, embora mal sucedido, mantém a cooperação na acção conjunta:

Director — Então, D. Maria, o que é que acha do novo material de limpeza?

Empregada — Sr. Doutor, só tenho a dizer bem! Agora que temos uma Directiva *muito ótima*, isto vai voltar a estar num brinquinho!

5

Aspectos linguísticos da organização textual

Inês Duarte

Índice

5. Aspectos linguísticos da organização textual

5.1. Coesão textual

5.1.1. Coesão frásica

5.1.2. Coesão interfrásica

5.1.3. Coesão temporal

5.1.4. Paralelismo estrutural

5.1.5. Coesão referencial

5.1.6. Coesão lexical

5.2. Conectividade conceptual (ou coerência textual)

5.3. Estrutura temática e estrutura informacional

Anexo-Fontes